



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

PRÁTICAS AVALIATIVAS NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO: percepções da coordenadora pedagógica

Mônica Martins de Almeida Lima

Profa. Orientadora Dra. Edileuza Fernandes da Silva
Tutora Orientadora Profa. Ma. Rose Meire da Silva e Oliveira

Brasília - DF, 19 de dezembro de 2015.

Mônica Martins de Almeida Lima

**PRÁTICAS AVALIATIVAS NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO:
percepções da coordenadora pedagógica**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora Orientadora Dra. Edileuza Fernandes da Silva e da professora Tutora Orientadora Ma. Rose Meire da Silva e Oliveira.

TERMO DE APROVAÇÃO

Mônica Martins de Almeida Lima

PRÁTICAS AVALIATIVAS NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO: percepções da coordenadora pedagógica

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Alice Fernandes de Sousa - SEEDF
(Examinadora externa)

Profa. Dra. Edileuza Fernandes da Silva - FE/UNB
(Professora-orientadora)

Profa. Ma. Rose Meire da Silva e Oliveira - SEEDF
(Tutora-orientadora)

Brasília, 19 de dezembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada filha, Mariana Almeida de Lima que me ajudou no percurso deste desafio. Ao meu marido, Geraldo Moraes de Lima e ao meu filho, Rafael Almeida de Lima. Dedico às professoras que gentilmente participaram deste trabalho. Dedico à uma amiga muito especial, Giselle Lopes Andrade, que me incentivou e me fez acreditar que juntas poderíamos vencer em favor de uma educação capaz de transformar o ser humano

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me fortaleceu nessa caminhada me agraciando com a conclusão deste curso.

Agradeço a minha família que esteve presente em todos os momentos.

RESUMO

Esta pesquisa foi resultado de um estudo acerca das práticas avaliativas adotadas no Bloco Inicial de Alfabetização: a partir das percepções da coordenadora pedagógica. Realizado em 2015, o estudo envolveu três turmas dos anos iniciais, sendo: uma turma de cada ano 1º, 2º e 3º do Ensino Fundamental de uma instituição pública do Distrito Federal. O objetivo central foi identificar as percepções da coordenadora pedagógica sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização. Para o estudo foram utilizados como aporte teórico os documentos da SEEDF, bem como os estudiosos Hoffmann, Villas Boas, Hadji, Freire, entre outros. A análise desses dados permitiu constatar que a rotina diária dos alunos é fundamental para o processo de autoavaliação e para os sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. A interação entre os professores e os coordenadores pedagógicos favorece a organização do trabalho pedagógico de maneira a garantir a aprendizagem dos alunos com mais qualidade. Durante as coordenações pedagógicas individuais e coletivas foi possível constatar nas ações e nos planejamentos dos professores a preocupação em compartilhar saberes com o grupo, bem como pesquisar, elaborar e aplicar intervenções pontuais não só com o aluno, mas junto à turma. Desta forma, os professores se mostraram conscientes de que muitas vezes é necessário retomar e rever ações que contemplem a avaliação formativa. Assim, foi possível entender a importância de um professor pesquisador.

Palavras-chave: Práticas Avaliativas; Bloco Inicial de Alfabetização; Coordenação Pedagógica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	11
1.1 Justificativa e Relevância	11
1.2 Problema de Pesquisa	12
1.3 Objetivos Geral.....	12
1.3.1- Objetivos Específicos.....	12
1.4 Estado da Arte.....	12
1.5 Memorial.....	14
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE INVESTIGADA.....	16
2.1 Caracterização da Instituição Pesquisada....	16
3. METODOLOGIA.....	22
3.1 Caracterização Geral da Pesquisa.....	22
3.2 Participantes do Estudo.....	24
4. REFERENCIAL TEÓRICO	25
4.1 Os desafios da Avaliação no DF.....	25
4.2 A Importância do Espaço/tempo da Coordenação Pedagógica.....	26
4.3 A Dialética entre Ação - Reflexão - Ação na Construção da Práxis Emancipatória.....	28
5. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO.....	32
5.1 Observação das práticas: um olhar sobre as práticas.....	32
5.2 Entrevista Semiestruturada: dando voz aos sujeitos.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41

REFERÊNCIAS..... 43

APÊNDICES..... 45

INTRODUÇÃO

Algo que sempre me causou certa inquietação na rede ao longo desses anos foi a preocupação em entender o processo de articulação da tão falada teoria e prática, com o objetivo de garantir as aprendizagens dos alunos. Como tudo isso acontece? Qual resultado obtido ao longo desse tempo, principalmente nas práticas avaliativas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em especial no Bloco Inicial de Alfabetização, BIA¹?

Quero ressaltar que trabalhar na rede pública há 18 anos e neste momento estar como coordenadora pedagógica é motivo de alegria, pois, vejo esse trabalho com uma oportunidade de poder constatar por meio da pesquisa qualitativa minhas percepções como coordenadora pedagógica com vista a práticas avaliativas e à utilização dos seus resultados no bloco inicial de alfabetização. Pretendo ao longo desse caminho poder avaliar quais são as reais intenções dos sujeitos participantes dessa pesquisa.

Neste estudo foram tratadas questões relacionadas à avaliação do desempenho dos estudantes pelo professor, a partir da análise de concepções e práticas avaliativas predominantes nos contextos escolares para compreendermos suas implicações nos processos de ensino e de aprendizagem e propormos caminhos para superação de práticas conservadoras e excludentes. A expectativa é de adoção de práticas avaliativas voltadas para a aprendizagem de todos (as) os alunos(as) estudantes e profissionais, sistematizadas no projeto político-pedagógico da escola.

A Secretaria de Educação do Distrito Federal – SEEDF/Subsecretaria de Educação Básica – SUBEB nos apresenta o documento Diretrizes de Avaliação Educacional (2014-2016) para a rede pública de ensino, elaboradas a partir da análise de documentos, leis, regimentos, concepções e práticas de avaliação vivenciadas nas escolas públicas do Distrito Federal. Esse documento vem para nos auxiliar na concretização de práticas avaliativas em nossas escolas, partindo de um

¹ BIA - Bloco Inicial de Alfabetização adotado pela SEEDF como estratégia pedagógica para ampliar o Ensino Fundamental na rede pública de ensino do Distrito Federal.

olhar direcionado à avaliação formativa que tem como função maior avaliar para incluir.

Os profissionais da educação são chamados num contexto geral a participar como protagonistas da avaliação em nossas instituições. A gestão democrática nos permite essa abertura, pois na função social e formativa da escola somos chamados a avaliar e a sermos avaliados a todo momento.

Nessa perspectiva, é preciso nos inquietarmos com os resultados de desempenho escolar e buscarmos uma formação contínua, não só ao processo avaliativo, como a tudo que venha contribuir para, “[...] *melhoria dos processos de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar*” (SEEDF, 2014, p. 22).

No decorrer do trabalho proposto o leitor poderá conhecer e refletir um pouco mais sobre os desafios da avaliação enfrentados em uma escola da rede pública, além da importância da coordenação pedagógica, a dialética entre ação – reflexão - ação na construção da práxis emancipatória.

1. – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

1.1- Justificativa e Relevância

Nesta pesquisa pretendi, enquanto coordenadora pedagógica, mostrar a importância da conquista do espaço/tempo da coordenação pedagógica para a organização do trabalho pedagógico com vistas a reflexões, estudos, utilização de instrumentos/procedimentos avaliativos, registros e intervenções, acerca dos resultados obtidos pela escola numa perspectiva de autoavaliação do fazer pedagógico. Não posso deixar de ressaltar os relatos de alguns professores da educação básica nos anos iniciais – 1º bloco (BIA) no espaço da coordenação pedagógica sobre alguns procedimentos utilizados no dia a dia de suas práticas em que se questiona a eficácia ou não dos mesmos. Outros, ainda se acham perdidos diante de algumas realidades e têm aqueles que defendem a prova simplesmente como um resultado rápido, prático e imediatista. Fatos que me motivam a retomada de discussões e reflexões acerca dos documentos da SEEDF – Diretrizes de Avaliação Educacional 2014-2016, que propõem um olhar mais amplo sobre o processo educacional do DF que ressalta a importância da avaliação para as aprendizagens. Segundo o documento:

Avaliar não se resume à aplicação de testes ou exames. Também não se confunde com medida. Medir é apenas uma pequena parte do processo avaliativo, correspondendo à obtenção de informações. Analisá-las para promover intervenções constantes é o que compõe o ato avaliativo; por isso, as afirmativas de que, enquanto se aprende se avalia e enquanto se avalia ocorrem aprendizagens, são válidas tanto por parte do docente quanto do estudante. Esse processo é conhecido como avaliação formativa, ou seja, avaliação para as aprendizagens (VILLAS BOAS *apud* SEEDF, 2014-2016, p.12).

É necessário enxergar os compartilhamentos de experiências e saberes entre os professores como fatores necessários e importantes para garantia do sucesso do seu trabalho.

1.2-Problema de pesquisa

Qual a percepção do (a) coordenador (a) pedagógico (a) sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na escola Esperança?

1.3- Objetivo Geral

Identificar a percepção do (a) coordenador (a) pedagógico (a) sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na escola Esperança.

1.3.1-Objetivos específicos:

- Analisar a atuação da coordenadora pedagógica junto aos professores do BIA concernente à prática avaliativa da aprendizagem dos alunos.
- Compreender o uso que os professores fazem dos resultados das atividades avaliativas para mediar e intervir nas aprendizagens dos alunos.

1.4- Estado da Arte

Apresento a seguir o resultado de uma busca de estudos, pesquisas e produções acadêmicas publicadas no período de 2010 a 2015, referentes ao tema de pesquisa, no site da SCIELO e por meio do Repositório Institucional da UnB.

Essas leituras foram úteis para perceber o quanto o tema avaliação tem sido discutido no meio acadêmico, tendo como referência o cotidiano escolar.

FONTE	TÍTULO	AUTOR/ANO
http://www.scielo.org/php/index.php	Mapas conceituais e avaliação formativa: tecendo aproximações.	Nádia Ap. de Souza, Evely Bouchovilch. 2010
http://www.scielo.org/php/index.php	Estudantes e Avaliação	Denise Balarine Carvalho, Leite 2010
http://www.scielo.org/php/index.php	Representações Sociais de Avaliação Processual Construídas por Professores	Gleice Kelly de Souza, Guerra, Laêda Bezerra, Machado 2011
http://www.scielo.org/php/index.php	Considerações sobre a política de avaliação da alfabetização: pensando a partir do cotidiano escolar	Maria Teresa, Esteban, 2012
http://bdm.unb.br/	Provinha Brasil: análise da avaliação por meio da visão de um grupo de professores da rede pública de educação do Distrito Federal	Costa, Diana Tavares de, Matos, Bráulio Tarcísio Porto de, 2011
http://bdm.unb.br/	BIA: experiências de alfabetização/letramento em duas escolas da rede pública do Distrito Federal	Santos, Andressa Cardoso dos, Queiroz, Norma Lucia Neris de, 2011

http://bdm.unb.br/	Avaliação: o desafio de corrigir a defasagem das aprendizagens	Lisboa, Marinês do Carmo Silva, Silva, Edileuza Fernandes da, 2013
---	--	---

Os trabalhos relacionados acima abordam acerca das práticas avaliativas adotadas, em especial nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que muitas vezes os professores encontram dificuldades em utilizar os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos de forma justa e objetiva. Decorrente de uma postura que retrata muito a forma de como fomos avaliados ao longo da vida escolar.

1.5- Memorial

No momento atuo como coordenadora pedagógica e procuro sempre passar para os colegas a importância e o valor da formação continuada, sendo que a autoavaliação me impulsiona e motiva a aprender sempre. Importante ressaltar que trabalhei na Educação Infantil como professora e coordenadora, 9 anos em turma de alfabetização, 4º e 5º anos; como professora, coordenadora e supervisora pedagógica. Experiências que só têm ajudado a melhorar o meu trabalho em sala de aula e o convívio com o grupo ao qual faço parte.

Escolhi falar do tema Avaliação, por ver que a todo momento avaliamos e somos avaliados, algo que muitas vezes nos deixa em dúvida. Estamos sendo justos? O que realmente aquele aluno aprendeu? Conseguiu mostrar na avaliação proposta o que sabe? Que intervenção devo fazer para ajudá-lo?

Ao vivenciar a graduação, o processo da avaliação formativa e a construção do portfólio me ajudaram a reconstruir ideias, rever conceitos e a entender que a avaliação apenas classificatória e seletiva deram lugar ao novo, foi uma experiência marcante, onde a capacidade de nos expressar de forma oral e escrita com autonomia era evidenciada a cada semestre.

O tema que escolhi “práticas avaliativas no Bloco Inicial de Alfabetização: percepções da coordenadora pedagógica” me impulsiona a buscar respostas para identificar como os professores se utilizam dos resultados dos instrumentos avaliativos em sua rotina para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos.

Estou finalizando minha segunda pós graduação pela UNB e com pretensões a realizar o sonho do Mestrado num futuro próximo. Ao longo dessa caminhada vi muitos colegas desistirem ou até mesmo ficarem pelo caminho. Procuro me espelhar e manter a motivação nos colegas que ainda caminham, respeitando sempre a opção de cada um. Conforme alude FREIRE (1997), “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.” Gosto muito do que faço e entendo com clareza a importância e o papel da educação e do educador no crescimento do nosso país.

2. – CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE INVESTIGADA

2.1- Caracterização da Instituição Pesquisada

A instituição pesquisada conta com uma área de 6.000 metros quadrados, sendo 1.500 metros quadrados de área construída, tendo 8 salas de aula, 1 Laboratório de Informática, 1 sala para biblioteca, 1 sala de professores, 1 sala para o SOE, 1 banheiro adaptado, 2 banheiros para os alunos, 2 banheiros para os funcionários, 1 cantina, 1 refeitório, 1 secretaria/direção, 1 depósito para merenda.

Edificada em 1969 e inaugurada em 02/09/70. Foi criada pelo Decreto 1150 de 08/10/69, publicado na Legislação do Distrito Federal, volume VIII, página 3024. Com autorização de funcionamento pelo Decreto nº 3547, de 03/01/77, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal (DODF) de 11/02/77, suplemento. Reconhecimento pela Portaria nº 17 de 07/07/80, Secretaria de Educação e Cultura, publicado no volume I, página 142 dos Atos Normativos da Fundação Educacional do Distrito Federal. Ato de criação pela Portaria 003 de 12/01/2004.

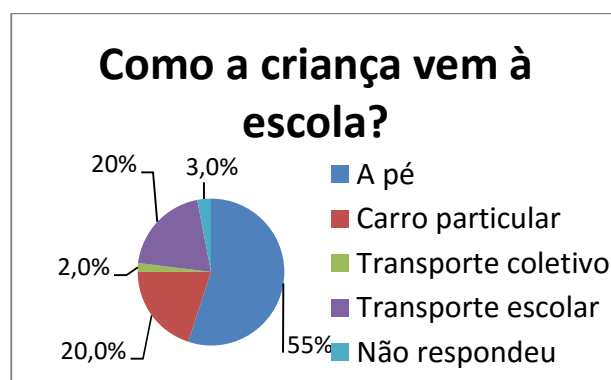
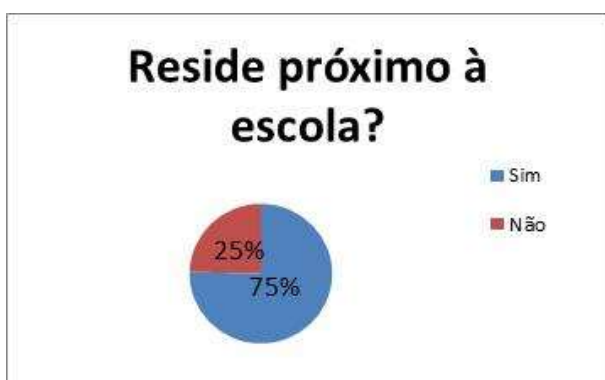
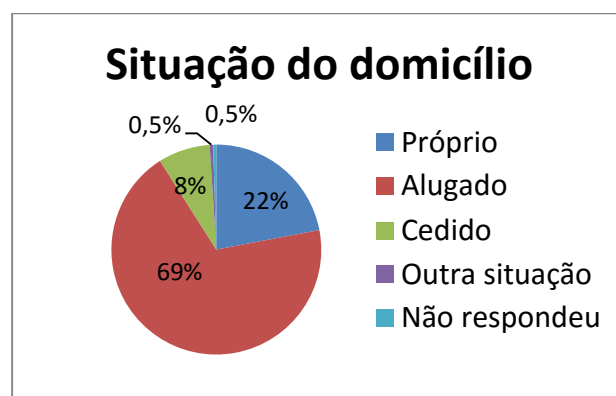
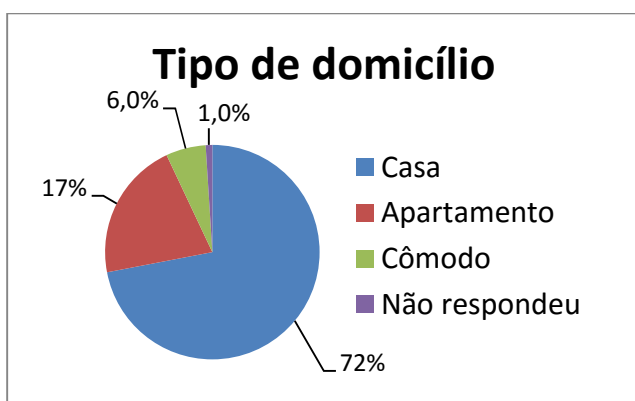
Vinculada à Secretaria de Estado de Educação – Coordenação Regional de Ensino de Taguatinga a partir de setembro de 1970 vem prestando atendimento à Comunidade ininterruptamente.

A escola já atendeu outras modalidades de acordo com a necessidade da comunidade escolar, como a EJA (antigo Supletivo) no noturno, Classe Especial de TGD, Educação infantil, e já teve a Educação Integral. Com o passar do tempo, e de acordo com as mudanças na comunidade e no sistema de ensino, tais ofertas foram excluídas.

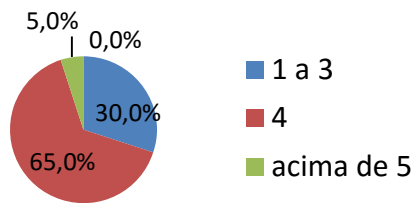
Atualmente atende de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, totalizando aproximadamente 360 alunos no diurno. Os alunos do 1º ano advêm do CEI 05, da Creche Casa do Caminho e de outros locais através do Sistema de matrículas 156.

A comunidade escolar é participativa nos eventos escolares. Quando são convidados a participar de atividades e reuniões alguns se voluntariam para as mesmas, tornando a relação escola/comunidade amistosa e cooperativa. A participação de todos nas avaliações institucionais é significativa, o que nos dá um *feedback* para a gestão, contribuindo para o aprimoramento das práticas.

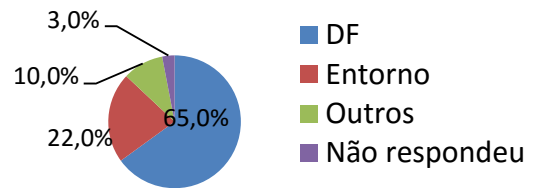
A partir de pesquisa feita utilizando-se de questionário enviado pela escola e respondido pelos pais e responsáveis dos alunos, chegaram aos dados abaixo descritos. A escola conta com alunos com faixa etária entre 06 e 13 anos, os quais têm responsáveis com nível de escolaridade de ensino médio e renda financeira de 1 a 5 salários mínimos, residem na maioria em casas alugadas, próximo à escola, a família é composta por 4 integrantes, geralmente naturais do DF, atuam no setor privado, a maioria não participa de programas do governo e com caráter religioso predominantemente católico. Recebemos também crianças abrigadas em outra instituição.



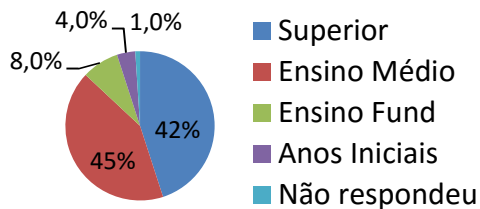
Quantas pessoas formam a família?



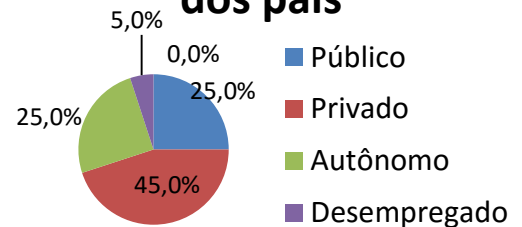
Naturalidade da família



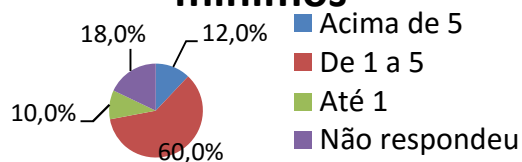
Grau de instrução dos pais



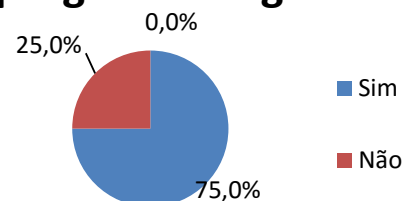
Instância profissional dos pais



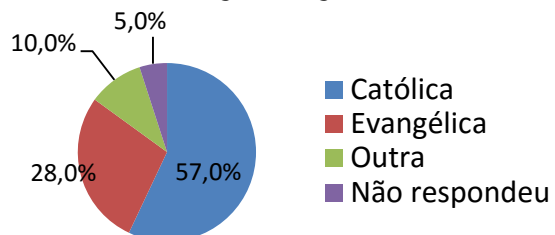
Renda mensal da família - salários mínimos



Participa de algum programa do governo?



Formação religiosa da família



Fonte dos gráficos:

Questionário enviado em março de 2015

A comunidade escolar é participativa nas reuniões propostas e festividades, porém ainda temos algumas famílias que participam pouco da vida escolar de suas crianças.

O espaço geográfico que a escola ocupa é cercado por um alto índice de circulação de pessoas e automóveis, pois se encontra em área residencial e com edificações que ofertam educação particular.

Diante de todo esse quadro acima a instituição por meio de sua equipe gestora, professores e auxiliares educacionais e alguns pais têm buscado melhorar a escola, tanto em sua parte física como pedagógica, buscando parcerias e novas propostas pedagógicas que despertem nos alunos o prazer de fazer parte dessa comunidade.

A Escola Classe desenvolve uma aprendizagem significativa, oportunizando relações entre a Unidade de Ensino, comunidade e demais manifestações culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas. Busca abrir suas portas para questões da sociedade e do cotidiano demonstrando que se pode atuar decisivamente no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseados nos princípios democráticos previstos nos eixos transversais propostos nos pressupostos teóricos, Currículo em Movimento.

O uso do PDE Interativo (Plano de Desenvolvimento da Escola) também é uma ferramenta útil para a gestão, quando analisamos os dados ano a ano, identificando os problemas e pendências e definindo ações que ajudem a alcançar os objetivos, aprimorando a qualidade de ensino e melhorando os resultados.

Os índices de desempenho, em 2014, podem ser observados abaixo no Gráfico de Desempenho de Turmas:

MOVIMENTAÇÃO	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5ª ano
Matrícula Inicial em mar/2013	95	46	75	69	61
Afastados por Transferência	11	03	05	06	03

Matrícula final	98	44	73	71	66
Aprovados	98	42	63	69	66
Reprovados	0	2	10	2	0
Admitidos após fevereiro	14	02	03	08	08
Afastados por abandono	0	0	0	0	0

Fonte: Censo Escolar 2014.

O 1º, 2º e 3º anos, no gráfico acima, equivalem às turmas do 1º Bloco do 2º Ciclo (6, 7 e 8 anos) respectivamente, onde se inicia o processo de alfabetização e a progressão continuada.

Embora estejam baixos, os índices de retenção são preocupantes e é um ponto importante a ser melhorado através das ações desenvolvidas no Projeto Político Pedagógico (PPP). O desafio é manter o padrão já alcançado na qualidade do ensino oferecido sem, no entanto, descuidar da busca constante pelo aprimoramento.

Mediante tais desafios, trabalha-se, com toda a comunidade escolar, para desenvolver um projeto integrado que ofereça uma Educação de qualidade, pautada nos princípios de uma democracia participativa, comunitária, inclusiva e ambiental, tornando-se um espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando e preparando-o para o exercício de sua plena cidadania.

As ações pedagógicas desenvolvidas pelo PPP estão organizadas por meio de projetos que ajudam no desenvolvimento das crianças como: Projeto Cidadania: Respeito/Conhecimento/Valorização. Projeto: *Bullying* não tem graça! Projeto: Hora da Leitura/Histórias na Sacola. Projeto: Laboratório e estudos. Projeto: Educação Financeira. Projeto: Laboratório de Informática. Projeto: Proerd. Projeto: Avaliação Institucional. Projeto: Afro Brasilidade.

Todos os alunos da escola recebem de acordo com sua necessidade individual, atendimento em contra turno de regência com o próprio professor regente. Efetua-se o projeto interventivo com a equipe pedagógica, além do

reagrupamento e da recuperação contínua, visando garantir a aprendizagem dos alunos.

Foi observado que as avaliações diagnósticas como testes da psicogênese, registros individuais dos alunos, portfólios, testes avaliativos, trabalhos em grupo, dentre outras, são feitas com regularidade em cada bimestre pelos professores e, a partir dos resultados obtidos, as ações interventivas, já previstas, são intensificadas/amenizadas ou ainda, adotadas novas estratégias.

Os professores do 1º Bloco participam do curso PNAIC ofertado pela SEEDF em parceria com o MEC. O BIA faz parte do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa que é um compromisso formal assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

3- METODOLOGIA

3.1 – Caracterização Geral da Pesquisa

O problema de pesquisa parte da percepção da coordenadora pedagógica acerca de como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para medir e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) na escola Esperança.

Buscou-se uma abordagem de cunho qualitativo, geralmente utilizada nas pesquisas educacionais, pois não há preocupação apenas com a representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização.

A pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. A pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Conforme (LUDKE, 1986), a pesquisa qualitativa é contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. Porém, esse tipo de pesquisa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.

A modalidade de pesquisa adotada foi estudo de caso, onde os interlocutores foram: um professor do 1º ano, um professor do 2º ano e um professor do 3º ano do 1º Bloco Inicial de Alfabetização (BIA).

Seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos (YIN, 2005). Vejo como uma oportunidade de compreender melhor a forma de trabalhar dos professores envolvidos na pesquisa e a utilização dos instrumentos avaliativos na aprendizagem dos alunos.

Para alcançar os objetivos específicos propostos no estudo foram utilizados como procedimentos a observação e a entrevista semiestruturada. Ludke (1996) afirma que:

A observação constitui um dos principais instrumentos de coleta de dados nas abordagens qualitativas. A experiência direta é o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado assunto. O observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como complemento no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A observação permite também que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos e se revela de extrema utilidade na descoberta de aspectos novos de um problema. A observação permite a coleta de dados em situações em que é impossível estabelecer outras formas de levantamento ou outras formas de comunicação. (LUDKE, 1986, p.45).

A observação me possibilitou perceber de forma mais objetiva e direta aquilo que é vivenciado no momento, sendo possível analisar a qualidade da aprendizagem durante a aula observada na intenção de identificar a ação da coordenação pedagógica junto aos professores do BIA concernente à prática avaliativa da aprendizagem dos alunos.

A entrevista semiestruturada como um procedimento que coloca o pesquisador diante da ação e reflexão do interlocutor, permitiu que esses profissionais se posicionassem numa perspectiva dialética, onde por meio de um diálogo proposto, poderei enquanto pesquisadora, complementar e aprofundar nas perguntas, me preocupando sempre em compreender e analisar, enquanto coordenadora pedagógica, como os profissionais utilizam os resultados das atividades avaliativas para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização.

Para (FREIRE,1997,p.77) “[...] Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” Afinal entendo que o olhar de cada profissional acerca do que é proposto e trabalhado na sua rotina diária é subjetivo, ou seja, assume características bem pessoais que podem ou não contribuir efetivamente para essa aprendizagem.

A observação e a entrevista foram realizadas na escola, no horário da coordenação pedagógica individual e no horário da aula de cada professor, sendo

um professor do 1º ano, vespertino, um professor do 2º ano, matutino e um professor do 3º ano vespertino do Bloco Inicial de Alfabetização.

3.2 – Participantes do estudo

Participaram da pesquisa três professoras do Bloco Inicial de Alfabetização, Ensino Fundamental da Educação Básica, 1º, 2º e 3º anos, da rede pública do Distrito Federal. A professora Acácia do 2º ano, tem uma turma composta por 25 alunos é Pedagoga, com pós graduação em Coordenação Pedagógica e trabalha na rede 26 anos, sendo 17 anos dedicados à alfabetização. Acredita que para ser um professor é necessário ter um embasamento teórico importante, para saber lidar com as dificuldades que surgem ao longo do processo. A professora Camélia do 1º ano, tem uma turma composta por 22 alunos é Pedagoga, com pós graduação em Psicopedagogia e Educação Inclusiva, trabalha na rede 25 anos, já passou pela Educação de Jovens e Adultos (EJA), Dinamização, turmas de TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento) e há 4 anos se dedica a alfabetização. Acredita que alfabetizar é uma missão de amor, gratificante. Uma criança bem alfabetizada pode vencer todos os obstáculos que a vida lhe oferece com muito mais facilidade. A professora Rosa do 3º ano, tem uma turma composta por 17 alunos, sendo 1 aluno DI (Deficiência Intelectual) é Pedagoga, com pós graduação em Administração Escolar, trabalha na rede há 29 anos, já passou pela Direção Escolar e há 24 anos se dedica a alfabetização. Acredita que o principal é gostar de alfabetizar se empenhar, dedicar e buscar algo novo em cursos, muita leitura, enfim, se atualizar. A alfabetização parece algo mágico, mas não é se mostra nos desafios enfrentados como algo possível.

Vejo que a percepção das professoras acerca da concepção de alfabetização ressalta a importância do amor à profissão, a necessidade do conhecimento sistemático e acadêmico para enfrentar os desafios, ter paciência em entender que o tempo de cada estudante deve ser respeitado e trabalhado de forma pontual.

4. - REFERENCIAL TEÓRICO

4.1– Os desafios da Avaliação no DF

Falar de avaliação é sempre algo complexo, pois requer avaliação do nosso trabalho, sendo que a real intencionalidade do mesmo deixará clara a nossa intenção no cotidiano. Pesquisas e estudos vêm demonstrando a necessidade de se repensar as práticas avaliativas com vistas a assegurar a aprendizagem de todos os alunos. Penso ser esse um grande desafio a ser tratado ao longo desse trabalho com vistas a garantir, por meio dessa prática avaliativa, a aprendizagem dos alunos do 1º bloco dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica na Escola Esperança no DF.

Nesse sentido, a Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal defende:

Que a função formativa da avaliação é a mais adequada ao projeto de educação pública democrática e emancipatória. Compreende também que a função diagnóstica compõe a avaliação formativa, devendo ser comum aos demais níveis da avaliação. A função formativa, independentemente do instrumento ou procedimento utilizado, é realizada com a intenção de incluir e manter todos aprendendo (HADJI, 2001). Esta função deve perpassar os níveis: da aprendizagem, institucional (autoavaliação da escola) e de redes ou de larga escala. Sua finalidade maior reside em auxiliar, ao invés de punir, expor ou humilhar os estudantes por meio da avaliação. (SEEDF, 2014 -2016, p.71).

Segundo Hoffmann os processos avaliativos são inerentes e indissociáveis desde que concebidos na forma de “problematização, questionamentos e reflexão sobre a ação”. Assim a avaliação deveria ser um processo de acompanhamento da trajetória dos alunos, um constante transformar também de reflexão em ação, e um transformar também das pessoas envolvidas. (HOFFMANN, 2005, p.17).

Esse transformar também das pessoas envolvidas no processo ensino aprendizagem e avaliativo vem ao encontro da proposta da SEEDF, não são os instrumentos/procedimentos que definem a função formativa, mas a intenção do avaliador, no caso, o docente, e o uso que faz deles (HADJI,2001). Nesse sentido, apoiamos a utilização de diferentes formas de avaliar que contribuam para a

conquista das aprendizagens por parte de todos os estudantes (VILLAS BOAS, 2008).

Avaliar nessa perspectiva reflete a real intenção da SEEDF referente não só aos instrumentos/procedimentos que utilizamos em nossas práticas avaliativas, bem como proporcionar ao professor uma mudança de postura ao entender que o processo avaliativo do aluno não se limita apenas a lógica conteudista.

4.2 - A Importância do Espaço/tempo da Coordenação Pedagógica

A prática educativa quando refletida coletivamente com o grupo é a melhor fonte de ensinamento teórico e sobre tudo de práticas mais comprometidas. (ARROYO, 1982).

Percebo a coordenação pedagógica coletiva como um espaço/tempo muito especial, onde é possível ressignificar o trabalho coletivo e individual, pois o professor muitas vezes se coloca na correria do dia a dia, no isolamento e no individualismo. Devemos nos empenhar e valorizar esses momentos que implicam rever as práticas educativas, refletir e mudar, ou seja, aprimorar os projetos desenvolvidos na escola, elaborar novas formas de intervenções de acordo com as necessidades enfrentadas, além de poder partilhar experiências e cooperar com os colegas.

Enfrentar uma dificuldade pode, a princípio, ser algo desagradável, diferente, mas refletir a cerca dessa necessidade, buscar o estudo e a pesquisa para sanar ou amenizar determinada situação é necessário. É uma oportunidade de reavaliar o trabalho e vivenciar o processo da autoavaliação de maneira madura e objetiva e, porque não dizer, de maneira cada vez mais profissional. O trabalho coletivo fortalece o grupo e ao mesmo tempo a instituição de ensino, tendo em vista à organização do trabalho pedagógico e o enfrentamento das necessidades da prática educativa que surgem no processo.

Em nossas experiências nos deparamos com situações em que alguns colegas insistem em se manter no individualismo, ou seja, cada um na sua, na sua lida, no seu trabalho de sala de aula, no isolamento. Não vejo como uma atitude

favorável frente às mudanças que vêm ocorrendo na escola e na sociedade como um todo.

Nesse sentido, é preciso fortalecer o espaço/tempo da coordenação pedagógica, conforme prevê as orientações pedagógicas da SEEDF (2014), pois além de ser uma conquista da categoria como espaço de formação permanente *in lócus*, contribui para o planejamento e avaliação dos trabalhos pedagógicos, bem como para o atendimento às necessidades específicas de aprendizagem dos estudantes:

A coordenação pedagógica nas escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal, prevista em Portaria, é resultante de conquista política dos professores por meio de lutas históricas travadas durante anos, sob o argumento de que contribuiria para a melhoria da qualidade social da educação pública. O Distrito Federal é referência dessa conquista em relação aos demais estados e municípios brasileiros. A garantia desse espaço-tempo reflete o compromisso do Estado com a valorização e a profissionalização dos profissionais da educação. (SEEDF, 2014, p.29).

A garantia da coordenação pedagógica contribui para a superação da fragmentação do trabalho pedagógico, de sua rotina (SILVA, 2007) e alienação dos trabalhadores em educação. Potencializar esse espaço-tempo viabiliza o alcance dos objetivos apresentados no Projeto Político-Pedagógico, favorecendo a constituição de processos inovadores de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar. Ao mesmo tempo, recupera o sentido essencialmente coletivo do trabalho docente, realizado em contextos em que vários sujeitos se fazem presentes, influenciam histórias de vida e são influenciados por elas, pelos valores, concepções, saberes e fazeres uns dos outros. (SEEDF, 2014, p.31).

E são esses momentos que acontecem de forma efetiva dentro da rede pública que têm uma importância relevante como facilitador do processo de aprendizagem, pois, estamos sempre nos encontrando e aplicando formas variadas de intervenções e estratégias relacionadas aos problemas de aprendizagem que não conseguimos avançar. Afinal o professor é sempre um pesquisador, pois a origem de um problema é o que o impulsiona a avançar.

A conquista deste espaço pedagógico é um elemento concreto de um olhar, uma atitude de valorização do professor, contrapondo com a responsabilidade dos mesmos e o comprometimento do coordenador pedagógico em viabilizar o trabalho coletivo constante e processual. Assim, pode-se aprimorar nosso trabalho sem

perder de vista o fazer pedagógico. Os documentos da SEEDF deixam em evidência que a Organização do Trabalho Pedagógico das escolas, o Projeto Político Pedagógico e o trabalho do professor em sala de aula, não podem jamais perder o foco no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes e a coordenação pedagógica como acontece aqui no DF propicia e facilita a articulação desse coletivo.

A coordenação pedagógica está totalmente relacionada ao ensinar e aprender dos professores e dos estudantes, sendo um momento para refletir crítica e coletivamente a organização do trabalho pedagógico. Um exercício constante de avaliação, um lugar único para revermos os critérios de avaliação utilizados e seus resultados com vistas às aprendizagens significativas dos estudantes.

Vejo que ao nos perguntarmos coletivamente por nossas ações em sala de aula, já estaremos contribuindo para enfrentar os desafios em melhorar a qualidade da educação do nosso país. Falar de qualidade social significa construir um projeto de escola para todos, que “[...] acentua o aspecto social, cultural, ambiental e inclusivo da educação” (GADOTTI, 2010, p.5).

Na perspectiva da qualidade social, o Projeto Político-Pedagógico é o instrumento que orienta o trabalho pedagógico e a coordenação pedagógica, espaço-tempo de reflexão sobre a escola que temos e a escola que queremos. (SEEDF, 2014, p.10)

4.3- A Dialética entre Ação - Reflexão - Ação na Construção da Práxis Emancipatória

O objetivo deste capítulo é tratar da importância de se entender que ensinar não é apenas uma transferência de conhecimento.

“[...] saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento.” (FREIRE, 1997, p.52).

Essa transmissão de conhecimento por si só não nos leva muito longe. Devemos estar atentos à forma de pensar dos nossos alunos, sendo professores observadores, reflexivos e críticos. Para não se criar uma distância entre a reflexão e o que deve ser realmente colocado em prática a partir dessa análise é necessário planejar, orientar e acompanhar o desempenho avaliativo dos alunos.

Os documentos da SEEDF entendem que uma maneira de se transpor essa barreira é a organização escolar em ciclos para as aprendizagens, onde o sujeito é compreendido como um ser multidimensional em processo permanente de humanização e desenvolvimento crítico a partir da problematização da realidade que o cerca e atuação consciente e responsável na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Percebo que é necessário nessa dialética propiciar ao grupo de professores momentos que permitam as relações dialógicas com vistas a mudanças significativas.

Para reafirmar essa proposta de organização escolar em ciclos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no DF, trago um breve histórico:

Uma das primeiras experiências de ciclos no Brasil ocorreu no Distrito Federal, no início da década de 1960, quando o ensino primário era organizado em fases e etapas, de modo que a primeira fase abrangia a 1ª e a 2ª séries; a segunda fase, a 3ª, 4ª e 5ª séries; a terceira fase, a classe complementar de 6ª série. O estudante avançava da primeira para a segunda fase ao completar o processo de alfabetização (VILLAS BOAS, 2006). A essa informação Mainardes acrescenta que, nesse período, “[...] tal política foi implementada em virtude do alto índice de reprovação nas duas séries iniciais” (2009, p.36). Ainda no DF, três outras iniciativas nesse sentido foram implementadas o Projeto ABC em 1984; Ciclo Básico de Alfabetização (CBA) em 1989 e a Escola Candanga em 1997. (SEEDF, 2014, p.10).

Percebe-se que desde 1960 se vem tentando por meio dessas organizações escolares fazer algo para melhoria dos índices de reprovação e também a meu ver de exclusão social, pois sabemos que muitos desses alunos não conseguem acompanhar uma educação que por muitas vezes se mostra de maneira a excluir, selecionar, classificar, discriminar e afastá-lo da escola.

Em meio às dificuldades encontradas não podemos deixar de ressaltar que com a proposta dos ciclos houve avanços significativos ao se tratar de uma reflexão voltada para a importância do papel social da escola pública de ensinar a todos:

A Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) reafirma seu compromisso com a sociedade brasileira, de modo especial com os estudantes e profissionais da educação que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de assegurar a todos o direito inalienável de aprender. Trata-se de uma iniciativa respaldada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.349/96 em seu artigo 24 e aprovada pelo Parecer 225/2013 do Conselho de Educação do Distrito Federal (CEDF) (SEEDF, 2014, p.5).

[...] o DF adotou o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) como estratégia pedagógica para ampliar o Ensino Fundamental na rede pública de ensino. Ainda valendo-se do que estabelece a LDBEN (1996) quando faculta aos sistemas de ensino o direito de organizar os anos escolares em ciclos, o BIA trouxe de volta às escolas do DF essa forma de organização. (SEEDF, 2014, p.12)

Hoje trabalhamos com os três primeiros anos do ensino fundamental, que compõe o 1º bloco do 1º ciclo, garantindo assim que os alunos possam prosseguir continuamente os estudos sem retenção, mesmo não tendo alcançado todos os objetivos de aprendizagens previstos para o final do 1º e 2º anos e ao final do 3º ano se não tiverem alcançado todos os objetivos acontece a retenção. Essa implantação ocorreu de forma gradativa de 2005 a 2008. A permanência do BIA e a extensão do ciclo nas séries subsequentes se deve a alguns fatores positivos:

- a) Os resultados obtidos a partir do período de implantação do BIA – de 2005 a 2011 – em relação aos anos anteriores, quando o Ensino Fundamental do DF era organizado em oito anos, indicam diminuição do percentual de reprovação dos estudantes de 15% nas 1ª e 2ª séries para 7,4% no final do BIA.
- b) Os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) obtidos pelas escolas da rede pública de ensino do DF, tanto em 2009 quanto em 2011, alcançaram a média de 5,4 superando as metas estabelecidas pelo MEC de 4,8 e 5,2 respectivamente.
- c) Os resultados da Provinha Brasil em Língua Portuguesa nos anos de 2009 a 2012 reforçam evidências de progressos no BIA [...].(SEEDF, 2014, p.13)

A análise desses avanços justificou a implantação da organização do 2º Bloco do 2º Ciclo para as Aprendizagens da Educação Básica nas escolas públicas do DF, referente aos 4º e 5º anos. Com vistas a uma implantação também gradativa no que se refere ao número de escolas que aderiram das 386 escolas, 245 aderiram, o que equivale a 63,47% das escolas. São dados que nos ajudam a perceber a importância de se acreditar numa proposta educacional que oportunize a criança a aprender de forma processual e a mantê-lo na escola com a intenção de promover suas aprendizagens.

5. – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo trataremos da análise dos dados que tomaram corpo e se materializaram a partir do relato dos interlocutores, do seu cotidiano escolar, algo que me alegrou muito.

Para esta etapa da pesquisa foi possível contar com professores que contribuíram, conscientes do seu papel no contexto escolar, identificar quais as percepções da coordenadora pedagógica acerca de como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na Escola Esperança.

Mesmo sabendo que não é possível analisar em sua totalidade o que foi dito pelos interlocutores que se propuseram a estar nesse momento como sujeitos participantes de uma investigação científica e ao mesmo tempo sujeito de suas próprias histórias no contexto educacional.

5.1- Observação das práticas: um olhar sobre as práticas

Esta análise ressalta de forma geral tudo o que foi observado nas três turmas do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), com a professora Camélia do 1º ano, professora Acácia do 2º ano e professora Rosa do 3º ano que trabalham na Escola Esperança.

Foi possível constatar que as professoras interlocutoras apresentam formas diferentes de trabalho, mas a rotina diária é fator relevante nas turmas em foco.

Todas se preocupam em acolher as crianças e começar a aula com a rotina do dia, a qual ressalto algumas situações observadas: momento da rodinha, com conversa informal, músicas ou leitura de um livro, alongamento (psicomotricidade), oração espontânea, contagem dos alunos e calendário com foco na matemática (operações, sequência numérica, quantidade), leitura do alfabeto, com associação de letra e som, alfabeto móvel, alfabeto humano, bingo dos nomes, bingo de palavras, fichário, ordem alfabética com os nomes. Importante reafirmar o cuidado das professoras em realizar a rotina das crianças de forma criativa e diversificada

para que o objetivo proposto fosse alcançado, proporcionando assim, um melhor aproveitamento das aprendizagens.

Observa-se que a rotina da Escola Esperança inclui uma vez por semana projetos relacionados ao laboratório de informática e na biblioteca. O professor responsável pelo laboratório de informática se preocupa em saber qual o conteúdo a ser trabalhado naquele horário específico e para tal se mantém informado pelo professor regente do que está sendo trabalhado em sala. O professor responsável pela biblioteca planeja suas atividades de acordo com os projetos da escola que constam no PPP e também algumas datas comemorativas relevantes, fato que retrata a importância dessas ações e da responsabilidade em realizá-las numa perspectiva dialógica com a equipe pedagógica.

A relação professor e aluno da professora Camélia do 1º ano acontece de forma bem natural, sendo crianças de 6 a 7 anos muito espontâneas, inteligentes, comunicativas e espertas, geralmente participam das atividades propostas com entusiasmo e alegria. A professora trabalha com as crianças em grupos, intervindo sempre que solicitada no intuito de ajudá-las a qualquer necessidade. O ambiente da sala é muito rico, colorido, com cartazes, músicas, listas de palavras, livros de vários gêneros e desenhos. Utiliza-se de jogos variados que estimulam o interesse das crianças, bingo de letras e bingo do nome. Mostra-se sempre próxima e mantém um diálogo constante com os mesmos, avaliando-os por meio da observação a todo momento.

A relação professor e aluno da professora Acácia do 2º ano acontece de forma mais firme, sendo crianças de 7 a 8 anos, tem uma relação com as crianças direta o que propõe um diálogo constante, focada na autoavaliação, mostra aos alunos a importância de entender o que é proposto na atividade e estimula a todo o momento a realizar as atividades com autonomia. Em sua rotina diária trabalha em grupos, utiliza-se do bingo ortográfico, leitura de vários gêneros textuais, músicas, ditado cantado, reestruturação de textos e vídeos sempre com foco nos conteúdos trabalhados. A professora Acácia desenvolve na sua rotina a autoavaliação conforme previsto nas Diretrizes de Avaliação Educacional da SEEDF, pois *“A auto avaliação merece destaque neste documento pelo fato de ser um componente*

essencial da avaliação formativa, por contribuir para a autonomia intelectual dos estudantes [...]” (SEEDF, 2014-2016, p. 52).

A relação professor e aluno com a professora Rosa do 3º ano acontece de forma dialógica a todo o momento, onde as crianças conversam ,perguntam se organizam, vão conversando com a professora e entre eles como se fossem adultos, mantém um tom de voz agradável e escutam o que o outro fala de maneira natural. A turma se mostra muito madura, composta por alunos de 8 a 9 anos. Em sua rotina trabalha em grupos, estimula a autonomia e a responsabilidade, discute sobre a importância do respeito mútuo, a hora de ouvir e a hora de falar. Essa linguagem norteia todo o trabalho, onde a realização das atividades acontece de forma muito tranquila e objetiva. As crianças participam de todas as etapas da construção do conhecimento, ou seja, a professora ao dar um comando, vai conduzindo a atividade deixando que as crianças, perguntem, façam sugestões e até mesmo encontrem o seu próprio caminho na conclusão daquela atividade proposta, seja qual for o conteúdo proposto para aquele dia. Utiliza-se de gêneros textuais, músicas, poesias, documentários, jogos diversos e trabalhos artísticos.

Por meio da observação foi possível identificar nas ações pedagógicas diárias a importância do coordenador pedagógico junto aos professores do BIA concernente à prática avaliativa da aprendizagem dos alunos.

Os instrumentos avaliativos como: registros reflexivos, autoavaliação, trabalhos em grupo e as estratégias que mostram as intervenções utilizadas na rotina dos professores, auxiliam e asseguram o processo de aprendizagem das crianças, sendo elaborados e sugeridos na coordenação pedagógica e alguns casos confeccionados pelos pares.

Além das atividades pedagógicas confeccionadas pelos professores para atender às necessidades específicas de aprendizagem dos estudantes, desenvolviam-se o Projeto Interventivo (PI), o Reagrupamento e o Registro de Avaliação (RAv).

O Projeto Interventivo (PI) é um projeto específico que parte de um diagnóstico e consiste no atendimento imediato aos estudantes que, após experimentarem todas as estratégias pedagógicas desenvolvidas nas aulas, ainda

evidenciam dificuldades de aprendizagem. O PI apresenta uma dimensão política que recai sobre o cumprimento do direito de cada estudante à aprendizagem e outra, pedagógica voltada para a seleção dos recursos mais apropriados à promoção de suas aprendizagens (VILLAS BOAS, 2012).

O reagrupamento segundo as Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º ciclo (SEEDF, 2014), é uma estratégia de trabalho em grupo, que atende a todos os estudantes, permitindo o avanço contínuo das aprendizagens a partir da produção de conhecimentos que contemplem as possibilidades e necessidades de cada estudante, durante todo o ano letivo. Possibilita a mediação entre pares, pois os próprios estudantes auxiliam uns aos outros, na socialização de saberes e experiências. (*Idem*, p. 56). O reagrupamento além de atender os alunos de maneira pontual, se apresenta em duas modalidades: o intraclasse que acontece durante as aulas, com a formação de grupos na mesma turma e o interclasse que acontece com a formação de grupos de diferentes turmas, ambos visando sempre o diagnóstico da necessidade daqueles alunos com a intenção de possibilitar suas aprendizagens.

Ao tratar do Registro de Avaliação (RAv), conhecido como relatório individual dos alunos, se apresenta como um documento elaborado pelo professor responsável pela turma, partindo de uma avaliação diagnóstica observada ao longo do processo, retratando de forma ética e responsável as aprendizagens da criança de forma clara e objetiva. Segundo as Diretrizes de Avaliação Educacional citadas anteriormente, o registro avaliativo deve ser útil para uso profissional e técnico do docente que o elabora e para as demais instâncias/colegiados que necessitem utilizar essas informações. (SEEDF, 2014-2016, p. 49).

5.2- Entrevista Semiestruturada: dando voz aos sujeitos

A entrevista semiestruturada teve como objetivo compreender e analisar o uso que os professores fazem dos resultados das atividades avaliativas para mediar e intervir nas aprendizagens dos alunos.

Quando questionada sobre o perfil dos profissionais para atuarem nos anos iniciais, a professora Camélia respondeu: “*A primeira coisa é preciso ter muito amor,*

é preciso querer aprender primeiro para poder ensinar. Depois vem o conhecimento, a teoria junto com a prática, fazer com que os alunos desenvolvam”.

Quais os instrumentos avaliativos utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos?

“A avaliação é contínua, formativa e acontece dia a dia em tudo o que a gente faz. Começa desde a participação nos grupos , na rodinha ,onde relatam sua vivência. Participam das atividades propostas nos exercícios, nos jogos, nas atividades orais, na reprodução de histórias, poemas, de tudo o que acontece em nossa sala. E para complementar nós fazemos o teste da psicogênese para ver o resultado e poder planejar o que vai ser feito”. (Camélia)

Como se utiliza desses resultados para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos?

“Observando se tem algum aluno com dificuldade, então vou fazer um atendimento diversificado. Tenho um aluno que chegou agora, ele frequentou três escolas esse ano, tem uma defasagem na aprendizagem, estou fazendo um trabalho diferenciado, com atendimento individualizado, com atividades no nível dele e trago também para o reforço”. (Camélia)

Aspectos que gostaria de ressaltar sobre a coordenação pedagógica.

“A equipe pedagógica, norteia o trabalho, nos ajuda a não perder o foco, dos nossos projetos, também é um apoio e um suporte para nós em sala de aula [...] Acompanha cada aluno nos ajudando a intervir quando necessário”. (Camélia)

A entrevistada finaliza dizendo, “[...] Alfabetizar é uma missão de amor e é muito gratificante, acredito que uma criança bem alfabetizada, letrada, ela pode vencer todos os obstáculos que a vida lhe oferece com muito mais facilidade”.

Analisando a fala da interlocutora foi possível constatar que as palavras que mais foram enfatizadas pela professora Camélia do 1º ano foram: Amor e Avaliação Formativa. Palavras que nos ajudam a entender a real intenção das professoras alfabetizadoras no processo avaliativo. Respeito ao tempo de aprendizagem do aluno, na perspectiva da inclusão e acompanhamento do seu desenvolvimento, independente do instrumento ou procedimento avaliativo adotado.

Quando questionada sobre o perfil dos profissionais para atuarem nos anos iniciais, a professora Acácia respondeu: *“O professor alfabetizador deve ter um embasamento teórico importante, para saber lidar com as dificuldades que surgem no BIA. É necessário entender que para se alfabetizar a criança tem que ter uma base e se esse professor não tem noção dessa base ele vai ter a maior dificuldade para alfabetizar. Tem uma sequência”*.

Quais os instrumentos avaliativos utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos?

“Os alunos são avaliados diariamente, ao final de cada aula eu verifico se houve a aprendizagem do conteúdo dado durante o dia. Se não houve já passo algumas atividades relacionadas para o dia seguinte para que possam tentar sanar essa dificuldade. Então diariamente eles estão sendo avaliados. Ao final de cada semana, faço alguma atividade que se o conteúdo daquela semana foi atingido, faço mensalmente o teste da psicogênese”. (Acácia)

Como se utiliza desses resultados para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos?

“A partir do 2º semestre eu organizei a turma em grupos e ao final de cada semana, observo ali as dificuldades e faço as intervenções nos grupos para que eles possam interagir melhor”.(Acácia)

Aspectos que gostaria de ressaltar sobre a coordenação pedagógica.

“[...] a escola ampara de forma geral os alunos todos. Nesse momento estou desenvolvendo o Projeto “Alimentação Saudável” e dentro desse projeto trabalhamos com toda turma. Trabalhamos, leitura, interpretação, receita, vários textos, matemática, história, entrevista com a família, é uma atividade que envolve a escola e tem um apoio pedagógico para obtermos os resultados necessários”.(Acácia)

Analisando a fala da interlocutora foi possível constatar que as palavras que mais foram ditas pela professora Acácia do 2º ano foram: Autoavaliação e Autonomia. Estas palavras reforçam que a organização do trabalho pedagógico do BIA compreende práticas que visem a autoavaliação e a autonomia dos estudantes.

Para (FREIRE, 1997) Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e , na prática, procurar a coerência com este saber me levam a entender a importância desta liberdade para o meu aluno no processo educacional.

Quando questionada sobre o perfil dos profissionais para atuarem nos anos iniciais, a professora Rosa respondeu: *“Acho que primeiro, gostar de alfabetizar, isso é primordial. Quando se gosta de alfabetizar, aí vem tudo junto, o empenho, a dedicação e o estar sempre buscando algo novo. Eu acho que também a instrução permanente, eu diria, o aperfeiçoamento através de cursos, de leituras, sempre se atualizando e buscando coisas novas”*.

Quais os instrumentos avaliativos utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos?

“O meu método de trabalho em sala de aula é com a postura de estar construindo o conhecimento junto com os alunos. Dou condições e proponho a eles que junto comigo possam construir seu conhecimento, sou uma professora sistêmica, valorizo a questão da hereditariedade, da hierarquia e da força dos pais. Além da observação diária, a avaliação é feita a todo momento, é na leitura de um enunciado que a criança faz é na escrita que ela desenvolve, nos testes da psicogênese, é na sua autocorreção, quando é apontado para ela, algo está faltando aqui. Ela própria pode olhar, rever e se auto corrigir. Um colega ajudando o outro é uma forma de avaliação. Os relatórios diretos e objetivo”. (Rosa)

Como se utiliza desses resultados para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos?

“A minha intervenção se procede da seguinte forma. Estou desenvolvendo uma atividade e é percebido que algumas crianças estão com dificuldade em assimilar o que foi dito, eu posso repetir e deixo que nos grupos eles troquem informações e se auxiliem. Intervenção grupal. Observo, se mesmo assim ainda não conseguiu avançar em algum aspecto, eu intervenho, auxiliando com material pedagógico de acordo com a dificuldade dele”.(Rosa)

Aspectos que gostaria de ressaltar sobre a coordenação pedagógica.

“Eu poderia dizer que a nossa escola é ímpar, porque a coisa realmente acontece, quando quer acontecer, faz acontecer, a equipe diretiva, principalmente a atual. Não que as outras não funcionassem. Nessa eles estão sempre dispostos a fazer o melhor para que o pedagógico ande e desenvolva de acordo com as necessidades. Aqui no meu caso sou atendida em tudo que preciso para trabalhar com os alunos, desde o meu projeto (Afro Brasilidade), como os projetos da escola propostos no PPP. Temos apoio em todos os sentidos, a escola funciona, a começar pelos estudos nas coordenações coletivas para que haja o avanço do aluno, o avanço do professor, a melhora do índice da escola, ou seja tudo contribui”. (Rosa)

Analisando a fala da interlocutora foi possível constatar que as palavras que mais se destacaram na fala da professora Rosa do 3º ano foram: Construção do conhecimento e troca entre os pares, que retratam a importância de valorizar e construir o conhecimento dia a dia, deixando que o aluno seja protagonista daquele momento proposto pelo professor e ao mesmo tempo encontre ao seu lado pares que contribuam nesta aprendizagem significativa.

Conforme HADJI (2001, p. 71) citado anteriormente no referencial teórico, *“Não são os instrumentos/procedimentos que definem a função formativa, mas a intenção do avaliador, no caso, o docente, e o uso que faz deles”*. Pude constatar nessa afirmativa ao construir minha análise de dados, que cada professor tem uma intenção ao conduzir seu trabalho, há foco no planejamento diário, na rotina, nos projetos desenvolvidos, nas coordenações individuais e coletivas, mas cada professor tem um jeito próprio de desenvolver o seu trabalho e ao constatar essa autonomia vivenciada no seu cotidiano de forma natural, penso ser cada vez mais importante ter colegas que se proponham ao estudo na formação continuada. Só assim vamos garantir a qualidade de uma educação voltada para uma visão emancipatória.

Não somos os donos da verdade, mas a meu ver somos instrumentos determinantes na aprendizagem das crianças, onde a proposta da avaliação formativa vem direcionada a incluir, construir, autoavaliar-se e se encontrar como

protagonistas do contexto ao qual estamos inseridos. Sabemos que as aprendizagens são distintas e que o aprender dos profissionais que avaliam está afeto ao exercício da atuação profissional (LIBÂNEO, 1994), o que torna, então, a avaliação formativa elemento da formação contínua por exigir permanentemente estudo e formação em avaliação e em outras temáticas a ela relacionadas. A avaliação diagnóstica e a autoavaliação entram nesse cenário como potencializadoras da avaliação formativa (SEEDF, 2014- 2016, p.13).

Nesse caminho devemos estar abertos ao conhecimento e saber que ensinando vamos estar sempre aprendendo algo novo. O novo que se faz a partir do momento que nos deixamos mostrar na maneira de ser e agir diante dos nossos alunos.

Por fim, destaco um dos meus aportes mais queridos nessa caminhada, que me ajudou a entender na perspectiva dialética a importância do meu papel como protagonista desta pesquisa:

Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer. (FREIRE, 1997, p.152).

Gosto de estar neste universo da educação, da sala de aula, de aprimorar conhecimento, de aprender conhecendo, de não ter medo de avaliar e ser avaliado, pois não sei tudo e na verdade nem o devo saber. Preciso caminhar, aprender, ensinar, vontade que não se explica, mas me deixa-me conduzir pela vontade de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao final deste trabalho com a certeza de ter contribuído com a divulgação e estudo dos documentos da SEEDF que tratam a cerca da avaliação para as aprendizagens. O estudo vem colaborar na percepção de uma avaliação não excludente e classificatória, mas voltada para um olhar inclusivo dos estudantes e de acolhimento dos profissionais da educação, numa perspectiva formativa da avaliação que parte do envolvimento de todos os participantes no processo educativo proposto pela instituição investigada.

Como coordenadora pedagógica pude constatar que os interlocutores desta pesquisa em sua maioria utilizam o resultado dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do BIA de forma positiva e responsável ao rever a organização do trabalho pedagógico no dia a dia valorizando a importância da autoavaliação no processo de construção do conhecimento.

Constatei durante as observações em sala de aula, que as professoras ao desenvolver a rotina diária se preocupavam em diagnosticar, acompanhar e ao mesmo tempo intervir e mediar no processo da aprendizagem das crianças. Vejo presente neste momento a autoavaliação não só do professor como da própria criança que pergunta e se preocupa em realizar e entender as atividades propostas. A autoavaliação é um procedimento avaliativo importante, destacado nos documentos da SEEDF pelo fato de ser um componente essencial da avaliação formativa, além de contribuir para a conquista da autonomia intelectual dos estudantes e por aplicar-se a todas as etapas e modalidades de ensino. (SEEDF, 2014-2016, p.52)

Na entrevista semiestruturada as falas das professoras confirmam a interação do corpo docente com a coordenação pedagógica com vistas ao processo de avaliação formativa e à organização do trabalho pedagógico (Professora Camélia) “*A equipe pedagógica norteia o trabalho, nos ajuda a não perder o foco dos nossos projetos, também é um apoio e um suporte para nós, em sala de aula [...] Acompanha cada aluno nos ajudando a intervir quando necessário*”

As Diretrizes Pedagógicas no que concerne à organização do trabalho escolar, ressaltam a importância da interação entre professor com a coordenação pedagógica:

Na SEEDF, a coordenação pedagógica constitui-se como espaço e tempo primordial de formação continuada. Esse espaço e tempo são compostos por atividades de estudo, planejamento e avaliação dos trabalhos desenvolvidos na e pela escola possibilitando, assim, a promoção de avanços na organização do trabalho pedagógico a partir da análise dos desafios e da proposição fundamentada de alternativas para sua superação. (SEEDF, 2014, p.24).

Durante as coordenações individuais e coletivas constatei nas ações e nos planejamentos dos professores a preocupação em compartilhar saberes com o grupo, pesquisar, elaborar e aplicar intervenções pontuais não só com o aluno, mas com a turma. Conscientes de que muitas vezes é necessário retomar e rever ações que não atingiram o objetivo proposto. Nesses momentos é possível ver a importância de um professor pesquisador, “[...] *Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.*” (FREIRE, 1997, p.32).

Como coordenadora pedagógica e ciente da relevância da função exercida, hoje me sinto mais segura e consciente de todo o esforço realizado pela SEEDF, para elaborar os documentos que direcionam a ação educativa, sobretudo, porque validam a coordenação pedagógica como espaço/tempo privilegiado para a formação docente.

REFERÊNCIAS

COSTA, Diana Tavares de, MATOS, Bráulio Tarcísio Porto de, **Provinha Brasil: análise da avaliação por meio da visão de um grupo de professores da rede pública de educação do Distrito Federal**. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/>>. Acesso em: 30 de Setembro de 2015.

ESTEBAN, Maria Teresa, **Considerações sobre a política de avaliação da alfabetização: pensando a partir do cotidiano escolar**. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 29 de Setembro de 2015.

FREIRE, Paulo – **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA- Saberes Necessários à Prática Educativa**, 1997.

GUERRA, Gleice Kelly de Souza, MACHADO, Laêda Bezerra, **Representações Sociais de Avaliação Processual Construídas por Professores**. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 29 de Setembro de 2015.

LEITE, Denise Balarine Carvalho, **Estudantes e Avaliação**. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 29 de Setembro de 2015.

LISBOA, Marinês do Carmo Silva, SILVA, Edileuza Fernandes da, **Avaliação: o desafio de corrigir a defasagem das aprendizagens**. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/>>. Acesso em: 30 de Setembro de 2015.

LUDKE, M. e ANDRE M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. – Escola Esperança, 2015.

SANTOS, Andressa Cardoso dos, QUEIROZ, Norma Lucia Neris de. **BIA: experiências de alfabetização/letramento em duas escolas da rede pública do Distrito Federal**. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/>>. Acesso em: 30 de Setembro de 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Currículo de Educação Básica. Distrito Federal, 2002.

____ Currículo em Movimento da Educação Básica – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, 2013.

____ Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º Ciclo, 2014.

____ Orientação Pedagógica. Projeto Político-Pedagógico e Coordenação Pedagógica nas Escolas, 2014.

____ Diretrizes de Avaliação Educacional – Aprendizagem, Institucional e em Larga Escala, 2014-2016.

SOUZA, Nádía Ap. de, BOUCHOVILCH, Evely, **Mapas conceituais e avaliação formativa: tecendo aproximações.** Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 29 de Setembro de 2015.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas – **Virando a Escola do Avesso por meio da Avaliação**, 2ª edição, 2009.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE 1



AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Eu, _____, diretora, responsável por esta unidade escolar, autorizo **MÔNICA MARTINS DE ALMEIDA LIMA** realizar pesquisa nesta escola para elaboração de seu trabalho de conclusão de curso de Especialização em Coordenação Pedagógica no corrente ano, desde que sejam esclarecidos aos participantes os objetivos e os procedimentos da pesquisa.

Será possibilitado ao (à) pesquisador (a) o acesso a esta instituição nos momentos de trabalho pedagógico, não sendo permitida a sua interferência no desenvolvimento das atividades sem que lhe seja solicitada.

Concordo com a publicação dos resultados da pesquisa em questão desde que não sejam utilizadas informações em prejuízo das pessoas envolvidas e/ou da instituição, bem como sejam mantidos o sigilo e o anonimato da escola e dos interlocutores, se assim desejarem.

Brasília, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do(a) Gestor(a) da Unidade Escolar

APÊNDICE 2



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Eu _____, abaixo assinado, declaro ter sido informado (a), de forma clara e objetiva, que a pesquisa **“Práticas Avaliativas no Bloco Inicial de Alfabetização: Percepções da Coordenadora Pedagógica”** tem como objetivo central **“Identificar a percepção da coordenadora pedagógica sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na escola Esperança”**. Consinto a gravação de entrevista pelo(a) pesquisador(a) **MÔNICA MARTINS DE ALMEIDA LIMA**. Estou ciente de que os dados coletados nessa entrevista terão caráter confidencial e serão usados como material de reflexão para o seu Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, podendo vir a ser utilizados também em trabalhos acadêmicos decorrentes da mesma. Concordo com o uso de um pseudônimo, no intuito de resguardar o meu anonimato como participante da pesquisa. Receberei informações sobre o estudo, as quais poderão ser obtidas também pelo endereço monica.caete@gmail.com. Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado para atender a objetivos científico-acadêmicos, mantendo a minha identidade em sigilo. E por estar de pleno acordo, com os termos ajustados e mencionados neste termo, assinamos o presente instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma para um só efeito.

Brasília - DF, ____ de _____ de _____.

Interlocutor (a) da pesquisa

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE 3



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Eu _____,

abaixo assinado, declaro ter sido informado (a), de forma clara e objetiva, que a pesquisa **“Práticas Avaliativas no Bloco Inicial de Alfabetização: Percepções da Coordenadora Pedagógica”** tem como objetivo central **“Identificar a percepção da coordenadora pedagógica sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na escola Esperança”**. Consinto a observação do meu trabalho em sala de aula pelo(a) pesquisador(a) **MÔNICA MARTINS DE ALMEIDA LIMA**. Estou ciente de que os dados coletados por meio dessa observação terão caráter confidencial e serão usados como material de reflexão para o seu Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização, podendo vir a ser utilizados também em trabalhos acadêmicos decorrentes da pesquisa. Concordo com o uso de um pseudônimo, no intuito de resguardar o meu anonimato como participante da pesquisa. Receberei informações sobre o estudo, as quais poderão ser obtidas também pelo endereço monica.caete@gmail.com. Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado para atender a objetivos científico-acadêmicos, mantendo a minha identidade em sigilo. E por estar de pleno acordo, com os termos ajustados e mencionados neste termo, assinamos o presente instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma para um só efeito.

Brasília - DF, ____ de _____ de _____.

Interlocutor (a) da pesquisa

Responsável pela pesquisa

APÊNDICE 4

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO COM AS PROFESSORAS DO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO EM SALA DE AULA.

Objetivo geral: Identificar a percepção da coordenadora pedagógica sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na escola Esperança.

Objetivo específico 1: Analisar a atuação da coordenadora pedagógica junto aos professores do BIA concernente à prática avaliativa da aprendizagem dos alunos.

1. Rotina da aula – organização do tempo e espaço.
2. Reação das crianças em relação aos comandos propostos.
3. Como se porta a professora e os alunos durante a realização das atividades.
4. Quais intervenções são feitas pela professora durante as atividades.
5. Os alunos demonstram com clareza suas dificuldades.
6. O comportamento da turma influencia na qualidade da realização das atividades.
7. Estratégias utilizadas pela professora para assegurar a aprendizagem dos alunos.
8. Como a professora avalia os alunos durante a aula.
9. Como se utiliza desses resultados avaliativos para contribuir nas aprendizagens.

APÊNDICE 5

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DOS 1º, 2º E 3º ANOS DO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO.

Objetivo geral: Identificar a percepção da coordenadora pedagógica sobre como os professores utilizam os resultados dos instrumentos avaliativos para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos do Bloco Inicial de Alfabetização na Escola Esperança.

Objetivo Específico 2 : Compreender o uso que os professores fazem dos resultados das atividades avaliativas para mediar e intervir nas aprendizagens dos alunos.

I Perfil do Profissional

Sexo: () Feminino () Masculino

Formação Acadêmica:

Tempo de SEEDF:

Tempo no Bloco Inicial de Alfabetização:

Qual perfil esperado de um professor de alfabetização?

II Organização do Trabalho Pedagógico: processo ensino aprendizagem e avaliativo

1. Breve relato da turma:
2. Quais as ferramentas pedagógicas e métodos utilizado sem seu trabalho?

3. Quais os instrumentos avaliativos utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos?
4. Como se utiliza desses resultados para mediar e intervir na aprendizagem dos alunos?
5. Quais ações da coordenação pedagógica contribuem para o seu trabalho?
6. Outros aspectos que gostaria de ressaltar: